

**DIÁLOGOS AO VIVO:
PRÁTICAS EXTENSIONISTAS EM LIVES NAS REDES SOCIAIS**

**LIVE DIALOGUES:
EXTENSION PRACTICES IN LIVES ON SOCIAL NETWORKS**

**DIÁLOGOS EN VIVO:
PRÁCTICAS DE EXTENSIÓN EN LIVES DE REDES SOCIALES**

Antonio Lemes Guerra Junior
Universidade Estadual do Paraná

Joelma Castelo Bernardo da Silva
Universidade Estadual do Paraná

RESUMO. *A extensão, ao lado do ensino e da pesquisa, constitui um dos pilares da Universidade, configurando-se como um espaço de promoção de ações voltadas, sobretudo, ao atendimento da comunidade. Nesse sentido, dados os benefícios decorrentes de sua execução, mesmo em situações adversas, como as decorrentes do contexto de pandemia, com a suspensão de atividades presenciais nas instituições de ensino, as práticas extensionistas devem ter seu funcionamento mantido, ainda que sob limitações. Partindo dessa premissa, este artigo tem o objetivo de apresentar o desenvolvimento de práticas extensionistas com o apoio de tecnologias digitais, por meio da promoção de “lives” em redes sociais. Trata-se do compartilhamento de dados decorrentes da condução de dois projetos de extensão, coordenados pelos autores, professores de um Curso de Letras de uma Universidade pública, cuja dinâmica foi adaptada em atendimento às diretrizes norteadoras do ensino remoto. Voltados à formação continuada de professores da área de linguagens, tais projetos buscaram, nas redes sociais, alternativas para a produção e a disseminação de conteúdo, viabilizando a manutenção de suas propostas formativas. Mobilizando pressupostos teórico-metodológicos que versam sobre a extensão universitária e sobre as intersecções entre ensino e tecnologia, as análises se sustentam na exploração dos procedimentos adotados na condução das práticas extensionistas nos ambientes digitais, considerando as percepções dos autores quanto à avaliação dos eventos promovidos. Os resultados apontam, sobretudo, o profícuo deslocamento dos recursos de “live streaming” da esfera do entretenimento para a esfera educacional, universitária e extensionista.*

Palavras-chave: *Extensão universitária. Tecnologias digitais. Lives. Redes sociais.*

ABSTRACT. *University extension, along with teaching and research, constitutes one of the pillars of the University, which configures a space for promoting academic practices to attend the necessities of communities. In this sense, given the benefits arising from its*

Antonio Lemes Guerra Junior e Joelma Castelo Bernardo da Silva

implementation, even in adverse situations, such as the pandemic context, with the suspension of face-to-face activities in educational institutions, university extension practices must have their operation maintained, even if under limitations. Considering this premise, this article aims to present the development of extension practices with the support of digital technologies, through the promotion of "lives" in social networks. This paper shares data from the conduction of two extension projects, coordinated by the authors, professors of a Letters Course at a public University, whose methodology was adapted to attend the guiding for remote education. In order to continuing education of teachers in the area of languages, these projects find out alternatives on social networks for the production and dissemination of content, enabling the maintenance of their training proposals. Mobilizing theoretical-methodological assumptions that deal with university extension and on at the intersections between teaching and technology, the analyzes are based on the exploration of the procedures adopted in the conduct of extension practices in digital environments, considering the authors' perceptions regarding the evaluation of the promoted events. The results point out, above all, the productive shift of "live streaming" resources from the entertainment sphere to the educational, university and extension sphere.

Keywords: University Extension. Digital technologies. Lives. Social networks.

RESUMEN. La extensión, junto con la enseñanza y la investigación, constituye uno de los pilares de la Universidad, configurándose como un espacio de promoción de acciones orientadas, sobre todo, al servicio comunitario. En este sentido, dados los beneficios que se derivan de su implementación, incluso en situaciones adversas, como las derivadas del contexto de una pandemia, con la suspensión de las actividades presenciales en las instituciones educativas, las prácticas de extensión deben mantener su funcionamiento, incluso si está bajo limitaciones. Partiendo de esta premisa, este artículo tiene como objetivo presentar el desarrollo de prácticas de extensión con el apoyo de tecnologías digitales, a través de la promoción de "lives" en las redes sociales. Se trata del intercambio de datos resultantes de la conducción de dos proyectos de extensión, coordinados por los autores, profesores de un Curso de Letras en una universidad pública, cuyas dinámicas fueron adaptadas de acuerdo con los lineamientos rectores de la enseñanza remota. Dirigidos a la formación continua del profesorado en el área de idiomas, estos proyectos buscaron, en las redes sociales, alternativas para la producción y difusión de contenidos, posibilitando el mantenimiento de sus propuestas formativas. Movilizando supuestos teórico-metodológicos que abordan la extensión universitaria y las intersecciones entre enseñanza y tecnología, los análisis se basan en la exploración de los procedimientos adoptados en la realización de prácticas de extensión en entornos digitales, considerando las percepciones de los autores sobre la evaluación de eventos promocionados. Los resultados señalan, sobre todo, el productivo desplazamiento de los recursos del "live streaming" del ámbito del entretenimiento al ámbito educativo, universitario y de extensión.

Palabras clave: Extensión Universitaria. Tecnologías digitales. Lives. Redes sociales.

1 INTRODUÇÃO

Uma Universidade é, de fato, um “universo”, no qual se desenvolvem práticas amparadas naqueles que são os três pilares de seu funcionamento – o ensino, a pesquisa e a extensão –, entre os quais se estabelece o princípio da indissociabilidade, a ser obedecido por uma instituição dessa natureza (BRASIL, 1988). Nessa grande rede de relações, ao lado do ensino, essência da formação profissional, e da pesquisa, origem do conhecimento científico, a extensão emerge como uma ponte entre o espaço de produção de saberes e o espaço de sua aplicabilidade, com vistas ao desenvolvimento dos atores que integram a comunidade de que uma instituição universitária faz parte. Nessa dinâmica de ordem pragmática, então, a extensão absorve características desses espaços, manifestando-se de diferentes formas e, mais que isso, adequando-se a novas ordens configuracionais de implementação, ditadas por novas linguagens e novos suportes.

Devido a essa maleabilidade que lhe é inerente, nos últimos (e já muitos) meses, a extensão foi diretamente afetada pelas diretrizes que têm norteado o desenvolvimento de atividades universitárias no país, especialmente após a suspensão da presencialidade, em decorrência da pandemia. Esse período de isolamento social, que, no Brasil, teve início nos primeiros meses de 2020 e predomina até então, provocou uma forte e abrupta interrupção das atividades presenciais, a fim de frear as devastadoras consequências de propagação do vírus da COVID-19. Assim, sem o contato direto entre os atores envolvidos em seus inúmeros projetos, as ações extensionistas foram direcionadas a um processo de adaptação e, até mesmo, de reinvenção.

Considerando os efeitos desse cenário transformador, este artigo tem o objetivo de apresentar o desenvolvimento de práticas extensionistas com o apoio de tecnologias digitais, por meio da promoção de *lives* em redes sociais. Isso se dá por meio da reunião de informações que evidenciam os processos

empreendidos pelos autores, professores do Curso de Letras da Universidade Estadual do Paraná, *Campus Apucarana*, na coordenação de dois projetos de extensão voltados à formação continuada de professores da área de linguagens. Essencialmente, busca-se evidenciar a dinâmica de funcionamento desses projetos, em atendimento às diretrizes norteadoras do ensino remoto, por meio da mobilização das redes sociais para a manutenção de suas propostas formativas.

Para isso, o texto está organizado da seguinte forma: primeiramente, apresenta-se a base teórica que sustenta as discussões, considerando os princípios que norteiam a extensão universitária e as relações entre ensino e tecnologia, dentro das quais se situa a aplicabilidade acadêmica das redes sociais; na sequência, delinham-se os procedimentos metodológicos adotados para as análises, com ênfase na exploração de um estudo de caso; e, por fim, desdobram-se as análises, mobilizando-se dados compilados a partir do funcionamento dos projetos e as percepções de seus coordenadores.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Considerando o eixo temático que delimita a construção deste artigo, é essencial que as discussões se voltem, teoricamente, para três direções: (i) a configuração das práticas extensionistas, de modo a compreender a essência das ações que caracterizam a extensão universitária; (ii) as atividades remotas no contexto universitário, enfatizando-se as relações entre ensino e tecnologia que delas emergem; e, por fim, (iii) o potencial acadêmico das redes sociais, a partir de um olhar que promove esses recursos ao estatuto de mediadores no processo de formação docente.

2.1 A configuração de práticas extensionistas

A extensão consiste em uma forma de serviço ou produto oferecido pela Universidade, que estabelece relações recíprocas entre os agentes extensionistas (professores, alunos e agentes universitários) e a comunidade. Ao contrário do que se pensava, a extensão não se traduz em uma prática puramente assistencialista. Sua concepção atual deve ser compreendida à luz dos conceitos de “dialogicidade” e de “práxis”, preconizados por Paulo Freire, e orientada pelo princípio da indissociabilidade, o qual rege o próprio funcionamento da Universidade.

No período da ditadura militar, a extensão estava ligada a uma visão de assistência aos mais carentes e formativa, assemelhando-se à visão de educação bancária contestada por Freire (1983). No início da década de 1980, pela pressão dos movimentos sociais e transição para a democracia, a extensão recebeu um novo significado, assumindo um compromisso de atender às demandas sociais. Atualmente, a concepção de extensão está intrinsecamente associada à relação de reciprocidade com a sociedade. Entende-se que os saberes acadêmicos devem ser somados aos saberes sociais, a fim de formar novos saberes e transformar os que já existem, criando um ciclo de renovação, baseado na premissa freireana de que somos seres inconclusivos e que os saberes são constituídos historicamente e, portanto, não constituem um produto pronto e acabado, pelo contrário estão em constante construção.

Segundo Freire (1983), não se deve entender extensão como o ato de estender, de transmitir de forma prescritiva e unilateral um conhecimento a alguém, como se quem oferece o conhecimento fosse o detentor desse saber, e quem o recebe fosse um recipiente vazio onde se deposita conteúdo novo. A prática extensionista, ao contrário, deve obedecer ao princípio da dialogicidade, ou seja, constituir uma troca entre os saberes acadêmicos e populares, que

gera a reflexão, que, por sua vez, promove um conhecimento novo a partir de algo já existente, implicando ganhos tanto para quem aprende como para quem ensina. Em suma, “ser dialógico é não invadir, é não manipular. Ser dialógico é empenhar-se na transformação constante da realidade [...] sendo o diálogo o conteúdo da forma de ser próprio à existência humana” (FREIRE, 1983, p. 43).

Em consequência da prática da dialogicidade, acontece um processo ao qual Freire (1983) nomeia de práxis. Segundo esse princípio, a realidade social deve ser compreendida dentro de seu contexto histórico. Não basta ter conhecimentos sobre a sociedade; é preciso agir sobre ela. A práxis é sempre mediada pela reflexão. A teoria (reflexão crítica) não se sustenta sem a prática (ação sobre a realidade) e vice-versa; uma deve interagir com a outra, para transformar a realidade. Essa transformação, por sua vez, recria o conhecimento que lhe deu origem, completando um ciclo. Em outras palavras, a práxis é uma resposta à situação histórica real em que um ator é obrigado a agir com base na compreensão e no comprometimento.

Baseado nos princípios teóricos sobre a dialogicidade e a práxis, preconizados por Freire (1983), a Rede Nacional de Extensão Universitária (RENEX) apresenta o seguinte conceito pormenorizado do que se entende por extensão universitária, colocando o princípio da indissociabilidade como elemento indispensável para a prática da extensão:

A Extensão Universitária é o processo educativo, cultural e científico que articula o Ensino e a Pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre Universidade e Sociedade. A Extensão é uma via de mão-dupla, com trânsito assegurado à comunidade acadêmica, que encontrará, na sociedade, a oportunidade de elaboração da práxis de um conhecimento acadêmico. No retorno à Universidade, docentes e discentes trarão um aprendizado que, submetido à reflexão teórica, será acrescido àquele conhecimento. Esse fluxo, que estabelece a troca de saberes sistematizados, acadêmico e popular, terá como consequências a produção do conhecimento resultante do confronto com a realidade brasileira e regional, a democratização do conhecimento acadêmico e a participação efetiva da comunidade na atuação da Universidade. Além de instrumentalizadora deste processo dialético de

teoria/prática, a Extensão é um trabalho interdisciplinar que favorece a visão integrada do social. (FORPROEX, 1987, n.p.).

O princípio da indissociabilidade é uma das principais orientações que rege as ações extensionistas nas universidades. Ensino, pesquisa e extensão formam esse alicerce que mantém as atividades universitárias de modo que uma não faz sentido sem as outras. Não se pode pensar em ensino, transmissão de novo conhecimento, sem que esse seja produzido através da pesquisa. E não se pode pensar em pesquisa, produção de novo conhecimento, sem que haja a extensão, que impulsiona a renovação do conhecimento através de uma relação dialógica com as demandas da sociedade. Desse modo, as três partes funcionam de forma simbiótica, formando um ciclo em que se cruzam o conceito de extensão e a própria razão de existir da Universidade.

As ações extensionistas são divididas em áreas temáticas estabelecidas no Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras (FORPROEX) de acordo com os problemas sociais que devem ser prioritariamente atendidos pela Universidade. Sua prática acontece por meio de diferentes modalidades, como projetos, programas, eventos, seminários, fóruns, congressos, entre outras, que expandem o conhecimento produzido dentro das universidades à comunidade externa. A prática da extensão, por natureza, é diversificada e mobiliza recursos de diferentes áreas do conhecimento para solucionar problemas que o contexto histórico e social impõe. O recente contexto pandêmico, por exemplo, fez migrar as relações de ensino-aprendizagem do contexto presencial para o remoto, o que acelerou um processo já em curso na área da educação, a aplicação das tecnologias digitais como recursos e metodologias educacionais, mostrando a atualidade da importância da práxis, como será discutido no tópico a seguir.

2.2 Atividades remotas no contexto universitário

O adjetivo “remoto” – “distante no espaço” (HOUAISS, 2009) – difundiu-se socialmente de forma massiva em decorrência da pandemia, caracterizando diferentes atividades, antes realizadas presencialmente. No meio educacional, ficou em evidência na expressão “ensino remoto”, uma modalidade que, na inviabilidade de alunos, professores e demais agentes educacionais frequentarem os espaços escolares¹, emergiu como alternativa para a manutenção das aulas.

Conceitualmente, conforme Hodgeset *al.* (2020, n.p.), o ensino remoto emergencial (ERE)

[...] é uma mudança temporária para um modelo de ensino alternativo, em decorrência de circunstâncias de crise. [...] O objetivo principal, nessas circunstâncias, não é recriar um ecossistema educacional robusto, mas, sim, fornecer acesso temporário à instrução e suporte educacional, de configuração rápida e disponível de forma confiável, durante uma emergência ou crise. (tradução nossa).

A clareza dessa definição – no sentido de delimitar o caráter temporário e emergencial dessa modalidade de ensino – colabora para que sejam deixadas de lado as equivocadas acepções que definem o ERE como Educação a Distância (EaD). Conforme Hodgeset *al.* (2020, n.p.), a “aprendizagem *on-line*”, correspondente, nesta discussão, à modalidade da EaD, “resulta de um planejamento e *design* instrucional cuidadoso, usando um modelo sistemático de *design* e desenvolvimento” (tradução nossa). Em outras palavras, trata-se de uma modalidade originalmente configurada para acontecer remotamente, independentemente de situações críticas. Assim, conforme os autores, estabelecer comparações dessa natureza, embora seja tentador, é altamente problemático.

Nesse novo cenário, o professor talvez tenha sido um dos atores que mais enfrentaram desafios. Foram exigidas desse profissional novas e

¹Aqui, “espaços escolares” correspondem a quaisquer instituições de ensino, cujas atividades presenciais foram suspensas, incluindo as Universidades.

[Revista Edutec](#) - Educação, Tecnologias Digitais e Formação Docente, Campo Grande, v. 1, n. 1, 2021.

diferentes habilidades, as quais, em decorrência, foram a origem de muitas queixas expressas nesse período, tais como as relacionadas por Farias (2020): ausência de capacitação para o uso de tecnologias digitais; escassez de tempo para reconfiguração das disciplinas para a modalidade remota; dificuldade para a interação com dispositivos de áudio e vídeo; e, sobretudo, aumento do volume de trabalho. Todas essas queixas, num diálogo com o que discutem Hodgeset *al.* (2020), evidenciam o caráter estressante desse processo na percepção de muitos professores.

A despeito do fato de se tornarem fontes de dúvidas, questionamentos e, inclusive, desconfortos, as tecnologias digitais assumiram papel protagonista nesse processo de redesenho das práticas de ensino. Conforme Lemos e Rabelo Filho (2020, p. 133-134),

As TDICs [Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação] passam então a serem utilizadas como meio de gerar proximidade e comunicação entre os envolvidos no processo de ensino e aprendizagem. Elas visam ressignificar as práticas pedagógicas que agora são mediadas por computadores e/ou dispositivos móveis. Assim, professor e estudante passam a estar conectados de forma *on-line*, através dispositivos tecnológicos e utilizando ferramentas de *softwares* de apoio à produção de objetos educacionais assíncronos e interação síncrona.

Em linhas gerais, como uma das principais consequências de sua implantação, o ERE instaurou uma nova dinâmica de funcionamento das instituições acadêmicas, fazendo com que essa noção de “ressignificação”, citada por Lemos e Rabelo Filho (2020), se estenda para outros domínios além do processo de ensino-aprendizagem. Isso fica evidente no fato de que boa parte – senão a maioria – dos processos acadêmicos, muito além das atividades pedagógicas, passou a acontecer sem a presencialidade – tarefas administrativas, oferta de cursos, promoção de eventos, desenvolvimento de algumas pesquisas e, como ilustra este artigo, o desenvolvimento de projetos de extensão.

Tanto a “produção de objetos educacionais assíncronos” quanto a “interação síncrona”, que, segundo Lemos e Rabelo Filho (2020, p. 134), ocorrem com o apoio de tecnologias digitais, passam a ser ações executadas não apenas para a manutenção do contato entre alunos e professores, mas, também, na manutenção do contato da Universidade com a comunidade atendida por suas ações extensionistas. Nesse sentido, o que se tem percebido é o deslocamento de uma série de recursos pré-existentes em outras esferas, como as redes sociais e todas as ferramentas que essas plataformas colocam à disposição de seus usuários, para a posição de recursos voltados à formação acadêmica, como será discutido na sequência.

2.3 O potencial acadêmico das redes sociais

O conceito de rede social, preliminarmente, considera aspectos sociais não vinculados ao universo digital. Conforme Recuero (2009, p. 24), “uma rede social é definida como um conjunto de dois elementos: atores (pessoas, instituições ou grupos; os nós da rede) e suas conexões (interações ou laços sociais)”. Segundo a autora, ao se pensar numa rede socialmente construída, ocorre uma espécie de metáfora, mobilizada “para observar os padrões de conexão de um grupo social, a partir das conexões estabelecidas entre os diversos atores”, num processo que tem como foco a “estrutura social” (RECUERO, 2009, p. 24).

No contexto do universo digital, o estudo das redes sociais ganha contornos característicos:

O estudo das redes sociais na Internet, assim, foca o problema de como as estruturas sociais surgem, de que tipo são, como são compostas através da comunicação mediada pelo computador e como essas interações mediadas são capazes de gerar fluxos de informações e trocas sociais que impactam essas estruturas. (RECUERO, 2009, p. 24).

É nesse contexto que os sentidos se transformam, e o conceito de “redes sociais” desloca-se para designar também os softwares construídos para o estabelecimento dessas conexões no ciberespaço . Instagram e YouTube , por exemplo, entre tantas outras plataformas, despontam como recursos que, muito mais que conexões entre pessoas, promovem o estabelecimento de ligações entre inúmeros outros objetos, dentre os quais está todo o conjunto de saberes produzidos nas diferentes esferas de atuação humana.

Conforme pontua Recuero (2009), muitas ações empreendidas nesses ambientes digitais não têm como objetivo o aprofundamento de laços sociais, mas sim a veiculação de informações ou, mais especificamente, a geração de conhecimento. Fica estabelecido assim o chamado capital social cognitivo, atrelado à “soma do conhecimento e das informações colocadas em comum por um determinado grupo” (RECUERO, 2009, p. 51).

Essa difusão de conhecimento por meio das redes sociais materializa a dinâmica “de muitos para muitos”, discutida por Spyer (2011, p. 21), a partir da qual se dá a colaboração on-line, pautada na combinação da difusão (informação de um ponto para muitos) e da interatividade (comunicação em duas vias). A ideia de “colaboração” é essencial na constituição social como um todo, “é o processo formador das estruturas sociais”, permitindo “a compreensão das ações coletivas dos atores que compõem a rede social” (RECUERO, 2009, p. 81), inclusive quando se pensa numa “rede” configurada dentro de ambientes virtuais.

Diante disso, torna-se inquestionável, na busca contemporânea por uma educação inovadora, a mobilização das redes sociais no universo acadêmico. Segundo Moran (2018, p. 7), por exemplo, sob uma perspectiva neurocientífica, “nosso cérebro aprende conectando-se em rede”. Assim, “todas as iniciativas para abrir os espaços das escolas para o mundo, ampliando as diferentes redes

sociais e tecnológicas, pessoais, grupais e institucionais, contribuem para oferecer ricas oportunidades de aprendizagem” (MORAN, 2018, p. 7-8). Em síntese, ideias como troca, colaboração, coprodução e compartilhamento possibilitam a criação de novas e diversificadas formas de ensinar e aprender.

Entre essas “novas formas”, a produção audiovisual, que já usufruía um espaço de destaque no cenário educacional, sobretudo no âmbito da EaD, passou por um processo de redimensionamento com o ERE, possibilitando a publicização de videoaulas ou outras produções educacionais em diferentes plataformas, incluindo as redes sociais, e em formatos cada vez mais versáteis. Esse é o caso das lives, amplamente possibilitadas pelos recursos disponibilizados nesses softwares.

Mobilizando a redução da expressão em língua inglesa *live streaming*, empregada para referir-se à veiculação de conteúdo “ao vivo”, as lives tornaram-se, no contexto pandêmico, uma gigantesca fonte de difusão de informações . Conforme Agrela, Cury e Vitorio (2020, n.p.), “na quarentena, o mundo virou uma live”, dada a vultosa quantidade de transmissões realizadas via internet, em diferentes segmentos sociais. De modo complementar, para Raposo e Terra (2020), “é possível dizer que o padrão da comunicação volátil, efêmera (em tempo real), ágil, desintermediada e utilizando-se das plataformas digitais tem se consolidado como uma realidade inegável”. Nesse contexto, para os autores, as lives constituem “um misto de entretenimento e função social” (RAPOSO; TERRA, 2020) – na área educacional, portanto, elas também desempenham essa função.

Assim sendo, para muito além da conexão “social” entre alunos e professores, no meio acadêmico, as redes sociais atingem um alto grau de potencialidade, na medida em que abrem novos caminhos e possibilitam novas formas de interação em torno de objetos de conhecimento, seja no âmbito do

ensino, da pesquisa ou, como no caso das discussões aqui propostas, da extensão.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

As reflexões teóricas propostas até o momento, no intuito de apontar para a mobilização de recursos das redes sociais no desenvolvimento de atividades extensionistas, serão ilustradas a partir de um corpus constituído de dados empiricamente coletados, materializados pelos registros de lives promovidas por dois projetos de extensão, ofertados pelo Curso de Letras Português da Universidade Estadual do Paraná, Campus Apucarana, sob coordenação dos autores do trabalho: Projeto de Extensão “Práticas de linguagem via metodologias ativas: perspectivas contemporâneas para o ensino de Língua Portuguesa” (PratLinMA), coordenado pelo professor Antonio Lemes Guerra Junior; e Projeto de Extensão “Ensino da Variação Linguística: práticas didáticas” (ProExVar), coordenado pela professora Joelma Castelo Bernardo da Silva.

Considerando sua abordagem, ao propor reflexões pautadas na descrição de fenômenos sociais (como são as ações acadêmicas extensionistas), a investigação aqui delineada reveste-se de um caráter qualitativo. Em linhas gerais, evidencia-se um tipo de pesquisa que, entre outras propostas, busca a “análise de experiências individuais ou coletivas, de interações” (PAIVA, 2019, p. 13), como as lives a serem descritas e analisadas.

Metodologicamente, dadas as características do corpus de análise – os registros das lives promovidas pelos projetos mencionados –, a pesquisa enquadra-se nos parâmetros de um estudo de caso, que, segundo Paiva (2019, p. 65), constitui um estudo naturalístico, ao investigar “um acontecimento em um ambiente natural e não criado exclusivamente para a pesquisa”. Vale

destacar que um caso é comumente considerado um objeto singular (STAKE, 2005), porém, neste trabalho, embora os dados sejam provenientes da execução de ações no âmbito de dois projetos distintos, o “caso” sob análise é apenas um: a promoção de lives como práticas extensionistas. Além disso, o enquadramento metodológico ancora-se no fato de que “o estudo de caso é a estratégia escolhida ao se examinarem acontecimentos contemporâneos” (YIN, 2001, p. 27), como a aplicabilidade de recursos das redes sociais para fins acadêmicos.

Os dados mobilizados têm origem, assim, nos registros de algumas lives, promovidas pelos projetos de extensão em diferentes redes sociais, conforme Quadro 1, a seguir:

Quadro 1 – Lives promovidas pelos projetos de extensão

Projeto de Extensão A		
Tema da live	Data de transmissão	Rede social
Ferramentas digitais para o ensino contemporâneo de linguagens	08/09/2020	<i>Instagram</i>
Tecnologias digitais e metodologias ativas no ensino da oralidade	22/09/2020	
Tecnologias digitais e metodologias ativas no ensino de produção textual	09/10/2020	
Tecnologias digitais e metodologias ativas no ensino de leitura	21/10/2020	
Tecnologias digitais e metodologias ativas no ensino de literatura	11/11/2020	
Apoio pedagógico na adoção de novas metodologias	27/11/2020	
Projeto de Extensão B		
Tema da live	Data de realização	Rede social

Prosódia regional e a interface fonologia-sintaxe: orações desgarradas em dialetos do PB	05/11/2020	YouTube
O ensino de norma e variação: apontamentos na graduação em Letras	25/11/2020	
Contribuições de estudos fonético-fonológicos para o ensino de Língua Portuguesa: variedades brasileira e africana	18/05/2021	

Fonte: Elaborado pelos autores.

As análises, por sua vez, desdobram-se a partir de reflexões pautadas em aspectos específicos, de modo que se possa compreender a operacionalização de atividades extensionistas em ambientes digitais, no que concerne tanto à sua dinâmica de funcionamento quanto aos seus (possíveis) efeitos. Tais aspectos distribuem-se, conforme Quadro 2, nas seguintes categorias de análise:

Quadro 2 – Categorias de análise das lives promovidas pelos projetos de extensão

Categoria	Descrição
Aspectos ambientais	Análises das <i>lives</i> a partir das especificidades das redes sociais em que foram transmitidas (formato, recursos disponíveis, tempo, etc.).
Aspectos temáticos	Análises das <i>lives</i> a partir dos conteúdos veiculados em suas transmissões (temas, objetivos, base teórica, etc.).
Aspectos interacionais	Análises das <i>lives</i> a partir dos índices de interação registrados nas redes sociais em que foram transmitidas (comentários, compartilhamentos, visualizações, etc.).

Fonte: Elaborado pelos autores.

Na sequência, essas categorias norteiam as discussões em dois agrupamentos: primeiro, a análise de dados decorrentes das lives promovidas pelo projeto PratiLinMA na rede social Instagram; depois, a análise de dados oriundos das lives organizadas pelo projeto ProExVar na rede social YouTube.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

A transmissão das lives nas redes sociais, embora dependa de funcionalidades simples dessas plataformas digitais, dada a complexidade que assumem ao serem situadas no contexto acadêmico, segue uma série de procedimentos, incluindo uma fase de planejamento que precede a interação ao vivo. No caso dos dois projetos citados, em síntese, essa fase preliminar desdobra-se nas seguintes ações: elaboração de cronograma e seleção temática; contato com professores convidados; elaboração de materiais gráficos digitais; e divulgação nas redes sociais dos projetos .

Após esse processo, alcança-se, enfim, a transmissão das lives nas redes sociais, caso que aqui será discutido como um exemplo de prática extensionista no meio digital. Para isso, a seguir, retomam-se as categorias elencadas no Quadro 2 – aspectos ambientais, aspectos temáticos e aspectos interacionais – para a descrição de como os dois projetos mencionados fizeram uso tanto do Instagram quanto do YouTube como recurso de interação remota no âmbito da extensão.

4.1 A promoção de lives extensionistas pelo Instagram

Quanto à primeira categoria, aspectos ambientais, o intuito central é a apresentação de informações que evidenciem a operacionalização do processo de transmissão da live, com ênfase nas condições propiciadas pela rede social selecionada: o Instagram.

O Instagram é uma rede social lançada em 2010, nos Estados Unidos, cuja base é o compartilhamento de fotos e vídeos, articulando-se com outras redes, como o Facebook, desenvolvedor atual do software. A plataforma, em seu site oficial, faz um convite a seus usuários: “conecte-se com mais pessoas, construa influência e crie conteúdo atraente” (INSTAGRAM, 2021), sendo que esse conteúdo, como já discutido, pode ter diferentes origens, como a

acadêmica, essência do projeto de extensão sob análise. A geração de vídeos, nesse sistema, parte de um recurso disponível na interface do usuário, o IGTV, que permite a captação e o armazenamento de vídeos de maior duração – até uma hora (diferentemente do Reels e do Stories, também disponíveis, mas que permitem a captação de vídeos menores). Para as lives do projeto PratLinMA, as transmissões fizeram uso exclusivo dessa ferramenta (IGTV), sem o uso de softwares adicionais para compartilhamento de materiais visuais complementares, por exemplo.

Embora, de modo geral, os convidados conhecessem a dinâmica de funcionamento da plataforma para as transmissões ao vivo, foram realizados testes prévios, para que todos se mantivessem alinhados quanto à sua participação. Considerando-se o tempo médio de uma hora para cada live, alcançou-se um total de aproximadamente seis horas de conteúdo disponibilizado aos espectadores. Vale ressaltar que, diferentemente das lives transmitidas pelo projeto ProExVar, via YouTube, o fator “tempo” configurou-se como uma condição limitadora, pois, em caso de necessidade de um tempo maior que uma hora, uma nova transmissão deveria ser iniciada, já que o sistema interrompe a captação do vídeo automaticamente.

No que tange à segunda categoria, aspectos temáticos, o projeto PratLinMA desenvolveu suas ações na rede social tendo como eixo norteador o seu objetivo de promover a formação continuada de professores da rede pública para uma atuação pedagógica pautada no uso de metodologias ativas. Assim, as lives promovidas exploraram a aplicação dessas metodologias na abordagem didática das diferentes práticas de linguagem que integram o ensino de Língua Portuguesa, conforme orienta a Base Nacional Comum Curricular - BNCC (BRASIL, 2018), incluindo diferentes temáticas. Participaram das discussões professores de diferentes instituições, cujas pesquisas têm dialogado com esses eixos temáticos, como pode ser verificado na síntese a seguir.

A primeira live, “Ferramentas digitais para o ensino contemporâneo de linguagens”(GUERRA JUNIOR; NANTES, 2020), como uma espécie de abertura para a sequência de diálogos propostos pelo projeto, partiu de reflexões pautadas nas intersecções entre ensino e tecnologia. A proposta dessa sessão consistia na apresentação das tecnologias digitais como recursos para a promoção da aprendizagem na área de linguagens. Ao longo da conversa entre o coordenador e a professora convidada, foram discutidos conceitos como o de ensino híbrido (BACICH; TANZI NETO; TREVISANI, 2015), em referência à confluência de múltiplos espaços e tempos no ensino, e o de multiletramentos (ROJO, 2012), considerando a necessidade de, contemporaneamente, ser necessária a articulação de novas linguagens e recursos.

A segunda live, “Tecnologias digitais e metodologias ativas no ensino da oralidade” (GUERRA JUNIOR; OLIVEIRA, 2020), por sua vez, discutiu o modo como recursos tecnológicos contemporâneos e novas perspectivas teórico-metodológicas podem colaborar para a abordagem da língua falada em sala de aula. O fio condutor das reflexões propostas pela convidada foi o caráter heterogêneo da língua, de modo a evidenciar que a abordagem da oralidade pode ser potencializada ao se considerar as especificidades dos diferentes falares e, especialmente, com o apoio dos novos suportes digitais em que a oralidade se manifesta. No diálogo promovido, foi dada ênfase à ideia de que a oralidade não se restringe à materialidade da fala, envolvendo uma série de outros aspectos, incluindo as intersecções entre fala e escrita, que evocam o contínuo oralidade-letramento, discutido por Bortoni-Ricardo (2004).

A terceira live, “Tecnologias digitais e metodologias ativas no ensino de produção textual” (GUERRA JUNIOR; LOPES, 2020), embora tenha considerado a abordagem da escrita em sala de aula, discutiu o texto em diferentes manifestações. A convidada, com pesquisas na área dos gêneros discursivos, trouxe para a discussão a centralidade do texto no ensino de Língua Portuguesa, seguindo a perspectiva da BNCC (BRASIL, 2018), documento que

considera as produções textuais também em bases multissemióticas. Assim, conforme aponta Ribeiro (2018, p. 12), na sessão, ganhou espaço o fato de que “a cultura escrita é abrangente, isto é, conforma-se às contingências, às práticas sociais, etc. E é dentro dessa cultura que ocorrem mudanças de caráter técnico e tecnológico que a transformam e mesmo a subdividem”. Em síntese, escrever, hoje, está muito além da palavra registrada no papel.

A quarta live, “Tecnologias digitais e metodologias ativas no ensino de leitura” (GUERRA JUNIOR; PINHO, 2020), estabeleceu um diálogo direto com a transmissão anterior, na medida em que a pesquisadora, em consonância com as especificidades do projeto, procedeu a uma abordagem da leitura sob novas perspectivas. Partindo da noção de leitura apresentada pela BNCC, “tomada em um sentido mais amplo, dizendo respeito não somente ao texto escrito, mas também a imagens estáticas ou em movimento e ao som, que acompanha e cossignifica em muitos gêneros digitais” (BRASIL, 2018, p. 72), o debate promovido centrou-se no conceito de multimodalidade, entendido, conforme Rojo (2012), como uma combinação de diferentes linguagens na composição textual – os textos multimodais, para os quais são exigidas novas habilidades e novos perfis de leitor.

A quinta live, “Tecnologias digitais e metodologias ativas no ensino de literatura”(GUERRA JUNIOR; ANDRADE, 2020), também na esteira dos encontros anteriores, pôde trazer à tona a possibilidade de novos recursos e novas propostas metodológicas serem aplicadas na abordagem do texto literário em sala de aula. A partir de estudos como o de Ganzela (2018), o pesquisador convidado refletiu sobre a possibilidade de o ensino de literatura, com o apoio de novos suportes, distanciar-se de um viés dicotômico, em que permanecem teorias e escolas literárias de um lado, e interpretação de textos literários de outro, abrindo-se espaço para uma “nova postura metodológica do docente: mais descentralizada, com foco no aprendiz, mais dialógica e com menor receio de errar” (GANZELA, 2018, p. 56).

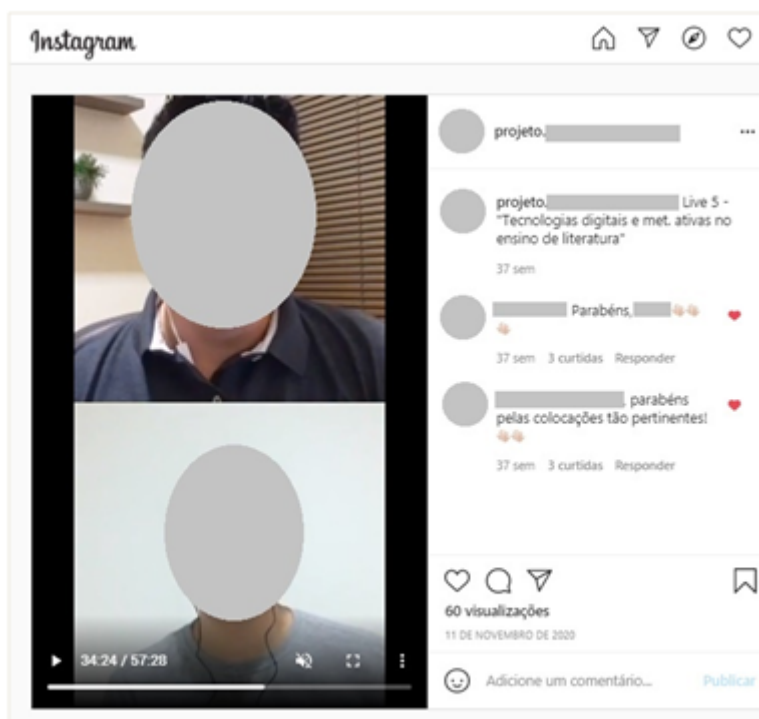
A sexta e última live, “Apoio pedagógico na adoção de novas metodologias” (GUERRA JUNIOR; SIMM, 2020), teve o intuito de evidenciar que, para uma atuação pautada nessas perspectivas teórico-metodológicas, é essencial que os professores sejam preparados e acompanhados. Nesse sentido, a pesquisadora convidada, com experiência tanto na área da docência quanto na área da coordenação pedagógica, ressaltou a necessidade de a formação continuada acontecer, também, no interior das instituições de Educação Básica, nas quais podem ser promovidos, por exemplo, grupos de estudo para assimilação e aplicação de novas metodologias. Assim, as reflexões da convidada convergiram para uma proposta de trabalho, tal qual a apresentada por Bacich (2018, p. 131), para quem a integração das tecnologias digitais às práticas pedagógicas deve percorrer etapas de exposição, adoção, adaptação, apropriação e, enfim, inovação, o que depende desse processo formativo bem estruturado.

Por fim, para a terceira categoria, aspectos interacionais, parte-se da reflexão proposta por Recuero (2009, p. 30), para quem “a interação seria a matéria-prima das relações e dos laços sociais”. No caso de lives promovidas por um projeto de extensão, cujo foco está na produção de conteúdo voltado a professores, esse estabelecimento de vínculos é fundamental, na medida em que os espectadores se sentem acolhidos e pertencentes àquele grupo. Nesse sentido, aspectos da linguagem devem ser considerados, para o estabelecimento de um verdadeiro “diálogo”, já que os indivíduos enquadrados na tela não estão falando para um espaço vazio, mas para um público real, tanto durante a transmissão ao vivo quanto durante uma exibição off-line, ao se acessar o vídeo posteriormente.

Mesmo que se busque, nas lives, uma tentativa de reprodução do contato presencial, o que se dá pela fala ou pelos gestos e expressões faciais, a interação em transmissões por vídeo, pela não visibilidade do(s) interlocutor(es), se dá de modo profundamente distinto. Segundo Recuero

(2009, p.), “ciberespaço e as ferramentas de comunicação possuem particularidades a respeito dos processos de interação”, sendo “tudo construído pela mediação do computador”. Assim, a partir das ferramentas disponíveis na rede social, as interações no âmbito das lives transmitidas pelo Instagram podem ocorrer, baseando-se na perspectiva de Recuero (2009), de forma síncrona, quando os espectadores estão conectados, ao vivo, e podem se manifestar pelo chat, ou de forma assíncrona, quando acessam o vídeo armazenado e podem comentá-lo posteriormente, como evidencia a Figura 1, a seguir:

Figura 1 – Índices de interação em *live* extensionista promovida no *Instagram*



Fonte: Dados do projetoPratLinMA.

Além disso, as funcionalidades típicas das redes sociais, como as ações de “curtir”, “comentar” e, especialmente, “compartilhar”, possibilitam a disseminação do conteúdo gerado nas lives, o que, por sua vez, contribui diretamente para o maior alcance das ações de um projeto dessa natureza.

4.2 A promoção de lives extensionistas pelo Youtube

No âmbito da primeira categoria, aspectos ambientais, busca-se discutir o processo de transmissão da live, considerando-se os aspectos que recobrem a rede social selecionada: o YouTube.

O YouTube constitui uma plataforma de compartilhamento de vídeos, fundada em 2005, nos Estados Unidos, cuja missão “é dar a todos uma voz e revelar o mundo” (YOUTUBE, 2021), numa proposta que se alinha às intenções do projeto de extensão ProExVar de revelar conteúdos ligados à área da Sociolinguística. A transmissão de uma live, nesse ambiente, parte de recursos disponíveis no YouTube Studio, uma ferramenta disponível aos usuários para a captação e a exibição de imagens, as quais permanecem arquivadas no canal responsável por sua execução para acesso posterior. Para as lives do projeto, adicionalmente, a coordenação recorreu à utilização de uma ferramenta externa, o StreamYard, que promove uma integração com o YouTube, permitindo não só a interação entre os debatedores, nos bastidores, como também com o público espectador no momento da transmissão.

Assim, em linhas gerais, pode-se afirmar que as lives foram realizadas em dois ambientes conectados entre si: no primeiro, o StreamYard, a coordenadora do projeto e os convidados puderam interagir antes e após as transmissões. Normalmente, os participantes entraram alguns minutos antes do início das lives para se adaptarem ao ambiente de interação e aos recursos, uma vez que a maioria não os conhecia. Além disso, permitiu-se um diálogo interno entre os debatedores e os alunos colaboradores do projeto, os quais permaneciam conectados para dar suporte ao palestrante, como, por exemplo, na passagem dos slides. No segundo, o estúdio de criação do YouTube, as lives foram efetivamente transmitidas, alcançando-se um tempo médio de 1 hora e 30 minutos, totalizando uma carga horária total de 4 horas e 45 minutos (somando-se as três lives). Vale salientar que, ao contrário do que ocorreu com as lives transmitidas pelo projeto PratLinMA, via Instagram, o fator “tempo” não

se configurou, aqui, como uma condição limitadora, haja vista que os eventos poderiam se estender por um período ainda maior, se houvesse necessidade.

No que se refere à segunda categoria, aspectos temáticos, é discutida a abordagem dos conteúdos das lives promovidas pelo projeto, das quais participaram professores de diferentes universidades federais, que compartilharam os temas de suas pesquisas. Em síntese, foram debatidos tópicos sobre variação segmental, suprasegmental e sintática, além de uma profunda discussão sobre a importância do ensino da norma linguística e da variação na graduação em Letras. Destaca-se que, ao serem convidados, os sociolinguistas recebiam a orientação de falar sobre os resultados de suas pesquisas e, sobretudo, pensar em uma aplicação desses resultados ao ensino de Língua Portuguesa. Esse viés do projeto, que consiste no planejamento da fala do convidado, é visto como estratégico para a extensão, por promover o princípio da indissociabilidade, fazendo com que os pesquisadores da área pensem na aplicabilidade de suas pesquisas ao ensino, propondo abordagens teóricas e metodológicas que os professores atendidos pelo projeto, no processo de formação continuada, possam empregar em sua prática pedagógica. Esse tipo de alinhamento proporcionou resultados bastante interessantes a partir dos debates, os quais são discutidos a seguir.

Na primeira live do projeto, “Prosódia regional e a interface fonologia-sintaxe: orações desgarradas em dialetos do PB”(CASTELO; SILVESTRE, 2020), a professora convidada apresentou uma análise dialetal sobre as orações desgarradas no Português do Brasil, com base em Silvestre (2017). Esse tipo não canônico de estrutura sintática consiste em orações “subordinadas” que constituem sozinhas unidades de informação sem estarem vinculadas sintaticamente com a principal ou matriz, não funcionando assim como constituinte desta (DECAT, 2011). Ao final, a pesquisadora propôs uma profícua aplicação ao ensino, pensando em resolver as confusões que o aluno faz ao empregar arbitrariamente regras de ordem sintática e prosódica para

pontuar seu texto, apresentando sugestões e metodologias que levam o aluno a refletir sobre as relações entre língua falada e língua escrita e, conseqüentemente, a pontuar melhor seu texto.

Na segunda live do projeto, “O ensino de norma e variação: apontamentos na graduação em Letras”(CASTELO; BARBOSA, 2020), o convidado, pesquisador na área de variação e linguística histórica, discutiu questões relacionadas aos conflitos que o professor de Língua Portuguesa, como autoridade em língua, vivencia ao ensinar norma linguística, tais como: “Como combater o preconceito linguístico em relação a certos falares rurais e urbanos sem deixar de ensinar a variedade culta?” e “Quais seriam os usos considerados cultos geralmente espelhados na fala e na escrita dos segmentos mais escolarizados da sociedade brasileira?” Foram tomados como ponto de partida os três saberes que estruturam a formação do estudante de Letras ao longo da graduação: o saber da tradição gramatical em autores referenciados; o saber da ciência linguística; e o saber de falante dos alunos (BARBOSA, 2007).

Com base na discussão de dados sincrônicos e diacrônicos de fenômenos variáveis, o pesquisador propôs uma série de reflexões extremamente necessárias para nortear o ensino da norma linguística, com destaque para o fato de que o professor deve ter consciência de que o português padrão ensinado em sala de aula está longe de poder ser considerado o correto ou o único, uma vez que não há consenso entre as regras convencionadas na gramática tradicional escolar e o que gramáticos renomados discutem em gramáticas tradicionais.

Na terceira live do projeto, “Contribuições de estudos fonético-fonológicos para o ensino de Língua Portuguesa: variedades brasileira e africana” (CASTELO; ROCHA, 2021), a convidada apresentou uma análise da variação das vogais pretônicas em dialetos brasileiro (variedade de Nova Iguaçu) e africano (variedade de São Tomé), com base em Rocha (2018). Após

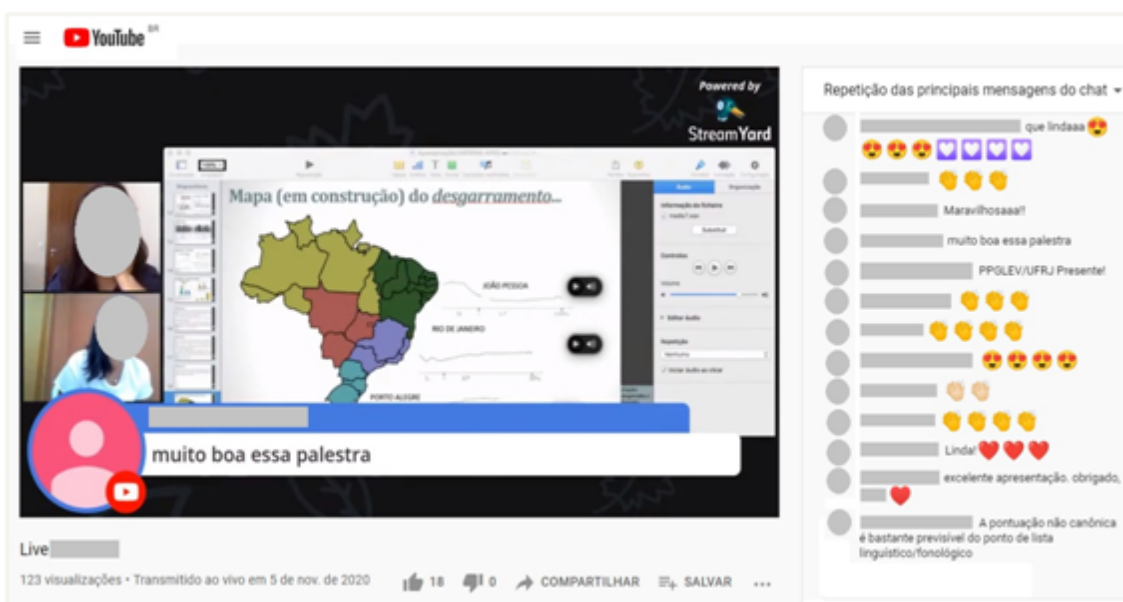
a discussão e análise dos dados dessas variedades, a professora apresentou uma proposta didática com base em amostra de palavras homônimas homófonas que podem causar dúvidas na grafia em decorrência da elevação da vogal pretônica observada na oralidade – casos como “isqueiro”, “isto”, “escola” e “estojo”, que, embora sejam escritos com as vogais diferentes em posição pretônica (eei), são pronunciadas com a vogal i nessa posição. Foi discutida a importância do trabalho comparado entre gêneros orais e escritos (Ex.: notícia impressa e notícia televisiva) para conscientizar o aluno sobre as diferenças entre grafema e fonema, que o levam a uma apropriação do código convencional escrito.

Por fim, em relação à terceira categoria, aspectos interacionais, destaca-se o amplo alcance das lives promovidas pelo projeto, que obtiveram um total de 380 visualizações até a data de escrita do presente artigo, o que evidencia o alto grau de engajamento propiciado pelas redes sociais no consumo de conteúdo. Tais índices dialogam também com as novas formas de interação e de leitura do hipertexto na internet, conforme discutido por Fachinetti (2005), as quais ampliam o espaço para uma participação ativa do leitor ou ouvinte na construção do texto. No caso do gênero live, quando transmitida pelo YouTube, essa participação ocorre por meio do direcionamento da discussão apresentada através das perguntas feitas pelo chat e apresentadas pelo mediador ao final da palestra.

Por meio de recursos da própria plataforma, em integração com ferramentas externas, como já pontuado, a “voz” do ouvinte ganha visibilidade, ao ser importada e apresentada na tela de transmissão, com perguntas, comentários e elogios aos convidados. Além disso, o palestrante consegue visualizar essas mensagens no próprio estúdio do StreamYard, podendo assim interagir com os ouvintes e orientar sua fala com base nas demandas apresentadas. Destaca-se, por fim, a interação sendo promovida pelo uso da linguagem multimodal, altamente produtiva nesse tipo de gênero, como se

pode visualizar na Figura 2, a seguir, em que emojis de carinhas felizes e mãozinhas substituem as manifestações que, presencialmente, seriam expressas pelo som dos aplausos e pelas expressões de satisfação da plateia.

Figura 2 – Índices de interação em live extensionista promovida no YouTube



Fonte: Dados do projetoProExVar.

Dessa forma, garante-se a manutenção do processo interacional, mesmo que de modo assíncrono, sem limitações para a disseminação do conteúdo disponibilizado pelo projeto.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As redes sociais têm grande parte de sua essência constitutiva fundada na ideia de “conexão”. Assim, no âmbito de projetos voltados à formação continuada de professores, o desejo de aprender daqueles que, para o seu desenvolvimento profissional, buscam ações extensionistas veiculadas por meio dessas plataformas digitais, como as lives aqui ilustradas, se “conecta” com os saberes produzidos na universidade.

Conforme Kenski (2017, p. 225), “seres conectados com vontade de aprender, aprendem”. Tal premissa, em um diálogo com as práticas extensionistas descritas neste trabalho, porém, pode ser ressignificada e ampliada, abarcando a ideia de que seres conectados, via tecnologias digitais, com desejos de ensinar, compartilhar, colaborar, inovar, efetivamente, ensinam, compartilham, colaboram, inovam.

Ao final deste percurso, que objetivou apresentar o desenvolvimento de práticas extensionistas com o apoio de tecnologias digitais, por meio da promoção de lives em redes sociais, conclui-se que, assim como outros pilares da Universidade, como o ensino e a pesquisa, a extensão é perfeitamente adaptável a novos contextos e a novos recursos, uma vez que, independentemente dos espaços em que é desenvolvida, mantém seus princípios norteadores.

No âmbito da extensão, as lives materializaram a possibilidade de deslocamento dos recursos de “live streaming” da esfera do entretenimento para a esfera educacional. Depreende-se, assim, a implantação de uma ferramenta estratégica não circunscrita ao período de isolamento social, haja vista a produtividade que o recurso representa para o circuito universitário, permitindo o alcance de aspectos valorativos importantes.

Em linhas gerais, essas transmissões ao vivo: (i) possibilitam a conexão de atores em diferentes espaços, reduzindo distâncias e facilitando o intercâmbio acadêmico; (ii) modernizam as práticas universitárias em múltiplas dimensões (ensino, pesquisa e extensão); (iii) expandem o alcance das ações formativas da extensão, ampliando, conseqüentemente, a comunidade atendida; e (iv) colaboram para o estabelecimento de novos paradigmas, em decorrência da adoção de novas linguagens e novos suportes.

Espera-se, por fim, que as práticas aqui descritas sejam multiplicadas, em outros contextos, por outros projetos extensionistas, de modo que esse

importante pilar da universidade brasileira – a extensão – não se mantenha estagnado ou retroceda, mas, pelo contrário, consolide-se de forma cada vez mais multimodal frente os novos desafios sociais.

6 REFERÊNCIAS

AGRELA, L.; CURY, M. E.; VITORIO, T. Na quarentena, o mundo virou uma live. **Revista Exame**, 23 abr. 2020. Disponível em: <https://link.ufms.br/saLL5>. Acesso em: 27 jul. 2021.

BACICH, L. Formação continuada de professores para o uso de metodologias ativas. In: BACICH, L.; MORAN, J. (Orgs.). **Metodologias ativas para uma educação inovadora**: uma abordagem teórico-prática. Porto Alegre: Penso, 2018. p. 129-152.

BACICH, L.; TANZI NETO, A.; TREVISANI, F. M. (Orgs.). **Ensino híbrido**: personalização e tecnologia na educação. Porto Alegre: Penso, 2015.

BARBOSA, A. G. Saberes gramaticais na escola. In: VIEIRA, S. R.; BRANDÃO, S. F. (Orgs.). **Ensino de gramática**: descrição e uso. São Paulo: Contexto, 2007. p. 31-54.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, 1988. Disponível em: <https://link.ufms.br/O1J03>. Acesso em: 27 jul. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <https://link.ufms.br/Kkz7K>. Acesso em: 27 jul. 2021.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna**: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola, 2004.

CASTELO, J. B. S.; BARBOSA, A. G. Live “O ensino de norma e variação: apontamentos na graduação em Letras”. **YouTube**, 25 nov. 2020. Disponível em: <https://link.ufms.br/kl9r5>. Acesso em: 26 set. 2021.

CASTELO, J. B. S.; ROCHA, F. M. V. Live “Contribuições de estudos fonético-fonológicos para o ensino de Língua Portuguesa: variedades brasileira

e africana”. **YouTube**, 18 maio 2021. Disponível em: <https://link.ufms.br/O0xFG>. Acesso em: 26 set. 2021.

CASTELO, J. B. S.; SILVESTRE, A. P. S. Live “Prosódia regional e a interface fonologia-sintaxe: orações desgarradas em dialetos do PB”. **YouTube**, 05 nov. 2020. Disponível em: <https://link.ufms.br/gB0NH>. Acesso em: 26 set. 2021.

DECAT, M. B. N. **Estruturas desgarradas em Língua Portuguesa**. Campinas: Pontes, 2011.

FARIAS, M. P. O professor no ensino remoto e suas novas atribuições. In: PAIVA JÚNIOR, F. P. (Org.). **Ensino remoto em debate**. Belém: RFB, 2020. p. 105-117.

FACHINETTO, E. O hipertexto e as práticas de leitura. **Letra Magna**, ano 2, n. 3, jul./dez. 2005.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

I FORPROEX - ENCONTRO DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS. **Conceito de extensão, institucionalização e financiamento**. Brasília: UnB, 1987. Disponível em: <https://link.ufms.br/CZqHL>. Acesso em: 27 jul. 2021.

GANZELA, M. O leitor como protagonista: reflexões sobre metodologias ativas nas aulas de literatura. In: BACICH, L.; MORAN, J. (Orgs.). **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática**. Porto Alegre: Penso, 2018. p. 45-58.

GUERRA JUNIOR, A. L.; ANDRADE, L. T. Live “Tecnologias digitais e metodologias ativas no ensino de literatura”. **Instagram**, 11 nov. 2020. Disponível em: <https://link.ufms.br/EaOp7>. Acesso em: 26 set. 2021.

GUERRA JUNIOR, A. L.; LOPES, A. A. Live “Tecnologias digitais e metodologias ativas no ensino de produção textual”. **Instagram**, 09 out. 2020. Disponível em: <https://link.ufms.br/tYqhL>. Acesso em: 26 set. 2021.

GUERRA JUNIOR, A. L.; NANTES, E. A. S. Live “Ferramentas digitais no ensino contemporâneo de linguagens”. **Instagram**, 08 set. 2020. Disponível em: <https://link.ufms.br/05ZyO>. Acesso em: 26 set. 2021.

GUERRA JUNIOR, A. L.; OLIVEIRA, E. V. M. Live “Tecnologias digitais e metodologias ativas no ensino da oralidade”. **Instagram**, 22 set. 2020. Disponível em: <https://link.ufms.br/DkpoN>. Acesso em: 26 set. 2021.

GUERRA JUNIOR, A. L.; PINHO, E. C. S. Live “Tecnologias digitais e metodologias ativas no ensino de leitura”. **Instagram**, 21 out. 2020. Disponível em: <https://link.ufms.br/Jbh7E>. Acesso em: 26 set. 2021.

GUERRA JUNIOR, A. L.; SIMM, J. F. S. Live “Apoio pedagógico na adoção de novas metodologias”. **Instagram**, 27 nov. 2020. Disponível em: <https://link.ufms.br/MIgbD>. Acesso em: 26 set. 2021.

HODGES, C. et al. The difference between emergency remote teaching and online learning. **Educause Review**, 27 mar. 2020. Disponível em: <https://link.ufms.br/wSVFQ>. Acesso em: 27 jul. 2021.

HOUAISS, A. **Dicionário da Língua Portuguesa**. Versão eletrônica. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

INSTAGRAM. **About Instagram**. Disponível em: <https://link.ufms.br/roQtG>. Acesso em: 27 jul. 2021.

KENSKI, V. M.. Entrevista a Mônica Ferreira Mayrink e Lívia Márcia Tiba Rádís Baptista. **Caracol**, v. 13, p. 224-233, 2017.

LEMOS, E. C. M.; RABELO FILHO, G. L. Ferramentas para o ensino remoto. In: PAIVA JÚNIOR, F. P. (Org.). **Ensino remoto em debate**. Belém: RFB, 2020. p. 131-147.

MORAN, J. Metodologias ativas para uma aprendizagem mais profunda. In: BACICH, L.; MORAN, J. (Orgs.). **Metodologias ativas para uma educação inovadora**: uma abordagem teórico-prática. Porto Alegre: Penso, 2018. p. 1-25.

PAIVA, V. L. M. O. **Manual de pesquisa em estudos linguísticos**. São Paulo: Parábola, 2019.

RAPOSO, J. F.; TERRA, C. F. Como o conteúdo ao vivo se tornou estratégia de sobrevivência, relacionamento e influência na pandemia. **Meio & Mensagem**, 15 maio 2020. Disponível em: <https://link.ufms.br/ngem1>. Acesso em: 27 jul. 2021.

RECUERO, R. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RIBEIRO, A. E. **Escrever, hoje**: palavra, imagem e tecnologias digitais na educação. São Paulo: Parábola, 2018.

ROCHA, F. **O sistema vocálico do português de São Tomé e o comportamento das vogais médias pretônicas**. 2018. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) - Faculdade de Letras da UFRJ, Rio de Janeiro, 2018.

ROJO, R. Pedagogia dos multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola. In: ROJO, R.; MOURA, E. (Orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola, 2012. p. 11-31.

SILVESTRE, A. P. S. "Se eu pudesse e se o meu dinheiro desse...": desgarramento e prosódia no Português Brasileiro e no Português Europeu. 2017. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) - Faculdade de Letras da UFRJ, Rio de Janeiro, 2017.

SPYER, J. **Conectado**: o que a internet fez com você e o que você pode fazer com ela. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

STAKE, R. E. **Qualitative case studies**. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Eds.). *The SAGE handbook of qualitative research*. 3. ed. Thousand Oaks, CA: Sage, 2005. p. 443-466.

YIN, R. K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. Trad. Daniel Grassi. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

YOUTUBE. **YouTube About**. Disponível em: <https://link.ufms.br/KoTH1>. Acesso em: 27 jul. 2021.

Sobre os autores

Antonio Lemes Guerra Junior

Professor colaborador do Curso de Letras Português da Universidade Estadual do Paraná, Campus Apucarana, em que coordena o Projeto de Extensão “Práticas de linguagem via metodologias ativas: perspectivas contemporâneas para o ensino de Língua Portuguesa”. É Licenciado em Letras - Português e Inglês (UEL, 2008), Mestre em Estudos da Linguagem (UEL, 2011), Doutor em Estudos da Linguagem (UEL, 2015) e Especialista em Inovação e Tecnologias na Educação (UTFPR, 2019).

E-mail: junior.guerra@hotmail.com

Joelma Castelo Bernardo da Silva

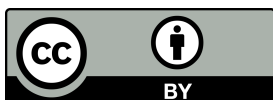
Professora colaboradora do Curso de Letras Português da Universidade Estadual do Paraná, Campus Apucarana, onde coordena o Projeto de Extensão “Variação linguística: práticas didáticas” (ProExVar). É Bacharel e Licenciada em Letras-Português (UFRJ, 2010), Mestre em Língua Portuguesa (UFRJ, 2011) e Doutora em Linguística Portuguesa (Universidade de Lisboa, 2016).

E-mail: prof.joelmacastelo@gmail.com

Submetido em 29 de Julho de 2021.

Aceito para publicação em 22 de Setembro de 2021.

Licença de acesso livre



A **Revista Edutec** utiliza a [Licença Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/), pois acredita na importância do movimento do acesso aberto nos periódicos científicos.